



Forestis

ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL



ASSOCIATIVISMO FLORESTAL, PERSPECTIVAS PARA O III QCA

RURIS

Agenda

- 1ª Jornadas de Ordenamento em Espaço Rural, de 9 a 10 de Maio de 2001 – Escola Superior Agrária de Santarém – Nedor – Tel: 243322088 / 966314532 – email: nedorsa-santarem.pt
- Wood Fair for the Forestry and Wood Industries – Hannover, de 21 a 25 de Maio de 2001 – www.ligna.de – www.wood.vdma.org

SUMÁRIO

Editorial	3
Tema de Capa	4
Vida da <i>Forestis</i>	7
Vida das Associações	10
Ficha Técnica	18



FICHA TÉCNICA

BOLETIM TRIMESTRAL DA *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL Nº 20
EDITADO POR: *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL;
INSTITUTO DE BIOLOGIA MOLECULAR E CELULAR DA UNIV. DO PORTO, R. DO CAMPO ALEGRE, 823,
4150-180 PORTO – TEL: 22 6006129 • FAX: 22 6090156 • EMAIL: forestis@mail.telepac.pt
EXECUÇÃO GRÁFICA: RAINHO & NEVES, LDA. – SANTA MARIA DA FEIRA
COORDENAÇÃO TÉCNICA: JORGE CUNHA, SÉRGIO MARABUTO
COMITÉ DE REDACÇÃO: EQUIPA TÉCNICA DA *Forestis*
NESTE NÚMERO COLABORARAM: ALEXANDRE GOMES, ANTÓNIO BORGES, CAROLINA DOMINGUES,
CATARINA QUINTELA, ELISABETE ARAÚJO, JOÃO TEIXEIRA, JORGE CUNHA, MARIA FERNANDA RIBEIRO
DOS SANTOS, NUNO CALADO, ROSÁRIO ALVES, SÉRGIO MARABUTO, ZULMIRA CAMPELO.

EDITORIAL

Criação do Conselho da Fileira

1. Realizou-se no passado dia 21 de Fevereiro, no Auditório do Museu de Serralves, a cerimónia da escritura pública da constituição do Conselho da Fileira Florestal Portuguesa.

A nova entidade agora criada tem como objectivo social promover a gestão sustentável da floresta portuguesa e a sua comprovação e resultou da iniciativa conjunta dos agentes económicos privados da produção florestal e das indústrias da fileira. Os seus fundadores são, para além da *Forestis*, a Federação dos Produtores Florestais de Portugal, a Associação dos Produtores Florestais de Setúbal, a Associação dos Industriais e Exportadores de Cortiça, a Associação dos Industriais da Madeira e Mobiliário de Portugal e a Associação da Indústria Papeleira.

O Conselho da Fileira Florestal Portuguesa integra-se no movimento dos proprietários e produtores florestais privados europeus e das indústrias da fileira florestal, o «Pan European Forest Certification Council – PEFC». Esta instituição europeia tem como missão gerir o sistema de certificação, tendo aprovado um quadro europeu de referência para a certificação, baseado nos critérios e indicadores de Gestão Florestal Sustentável, adoptados nas Conferências Ministeriais sobre a Protecção das Florestas da Europa, de Helsínquia em 1993 e Lisboa em 1998.

O PEFC, que abrange actualmente catorze países da Europa, com uma área de floresta superior a 100 milhões de ha, definiu as regras para o reconhecimento mútuo dos processos nacionais de certificação florestal de modo a que sejam credíveis internacionalmente, respeitem os princípios

da democracia e do comércio livre e sejam aplicáveis à propriedade de pequena dimensão.

2. A certificação de uma Gestão Florestal sustentada permitirá assegurar aos consumidores de produtos florestais a origem, gestão e transformação da matéria prima florestal.

Há agora que estruturar o funcionamento do sistema de certificação português de modo a que, tal como é previsto no PEFC, seja aplicável à propriedade de pequena dimensão, o que implica, naturalmente a certificação nas zonas de minifúndio, de agrupamentos de produtores e de associações de produtores florestais.

Há igualmente que assegurar a adequação dos indicadores de Gestão Sustentável à diversidade da realidade portuguesa e acompanhar a elaboração pela entidade normalizadora portuguesa da norma de certificação.

3. Na cerimónia de constituição do CFFP o Presidente da *Forestis* chamou a atenção para a necessidade de se assegurar um sistema que garanta a credibilidade da Certificação, lembrando a este propósito que há uma crise neste domínio em resultado da situação de coexistência das funções de controlador e de controlado, que por vezes se verifica.

Chamou ainda a atenção para a necessidade da revisão da lei fiscal no que se refere à venda de produtos florestais, para maior transparência do funcionamento do processo de certificação.

Dr^a Maria Fernanda Ribeiro dos Santos

TEMA DE CAPA

ASSOCIATIVISMO FLORESTAL, PERSPECTIVAS PARA O III QCA

Como é sabido, a *Forestis* integra na sua estrutura 21 Organizações de proprietários florestais com diferentes estados de desenvolvimento, que têm demonstrado ao longo dos últimos anos, apesar de todas as oscilações e perturbações conjunturais, capacidade de trabalho e poder de interlocução entre a propriedade privada e a administração pública nos seus diferentes níveis hierárquicos.

Durante o Quadro Comunitário de Apoio anterior contamos com apoios para o financiamento das organizações através da medida 4 do PAMAF, que sempre considerámos inadequada à situação das Organizações Florestais nascentes, tendo-o manifestado publicamente em várias ocasiões, fundamentando sempre a nossa postura. Só com grandes esforços e imprevisíveis sacrifícios de alguns, acabamos por conseguir gerir os poucos recursos disponíveis.

No entanto, como sempre nos foi dito, esperávamos que no próximo QCA todos esses aspectos iriam ser revistos e aperfeiçoados de forma a proporcionar condições de financiamento melhor adaptadas ao funcionamento deste tipo de organizações.

Reconhecia-se então, entre outras coisas, que o longo prazo da produção florestal não se compadece com os instrumentos então vigentes e reconhecia-se ainda que os apoios públicos à floresta privada eram muito recentes e incompatíveis com o período de consolidação que lhe é exigido, ao contrário do que se tem passado com agricultura que tem beneficiado de apoios de longa data em produções de ciclo curto.

A *Forestis*, como estrutura de cúpula, foi sempre dialogando e veiculando as suas preocupações e propostas com os diversos órgãos do Ministério da Agricultura, privilegiando a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural pela relação mais estreita com o sector e por ter sempre demonstrado um maior conhecimento e sensibilidade para as dificuldades do associativismo florestal.

Neste contexto, apresentámos em tempo oportuno, Agosto de 1999, as nossas propostas de financiamento para o QCAIII (2000-2006), procurando desde logo reflectir sobre o cenário de evolução do nosso Movimento Associativo e as respectivas necessidades assim como o trabalho que nos propúnhamos desenvolver.

Durante os últimos anos, todos os instrumentos de política florestal, desde a Lei de Bases da Floresta Portuguesa, até ao Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa têm apontado para o reforço do associativismo como forma de fortalecer a fileira florestal. Actualmente, esta tese ainda ganha mais importância, com dossiers como a Certificação Florestal, que fazem extravasar a importância da produção para zonas a jusante da fileira. Nunca, em momento algum, nos foi indicada qualquer alteração de



rumo, antes pelo contrário, sempre se afirmou a necessidade de termos a Produção organizada apesar de se reconhecer que esta é uma tarefa de objectivos a longo prazo.

Tendo recebido sempre, em particular da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural, manifestações de compreensão pelas especificidades do associativismo florestal, especialmente em zona de minifúndio, e vontade de intervir no intuito de melhorar as condições de actividade das Organizações Florestais, e visto o novo enquadramento, em que é suposto serem introduzidas as alterações conducentes á implementação e execução das políticas mais adaptadas, ficamos, por um lado agradados em ver que a portaria do AGRIS, destinada a apoiar as novas organizações que se criam, prevê incentivos mais apropriados (maiores taxas de apoio nos primeiros anos de vida) e que estão previstos incentivos aos serviços de natureza florestal desenvolvidos pelas organizações florestais, muitos deles de carácter público.

Por outro lado, não percebemos quais foram as razões que levaram os políticos a criarem um programa de apoio às novas organizações do Sector florestal que apenas beneficia as organizações a criar ou criadas há menos de 3 anos. Como também não entendemos porque razão as primeiras têm o seu prazo de instalação fixado em cinco anos e as segundas em três anos. Alguém acredita verdadeiramente que uma organização estabelecida na floresta de minifúndio, com as características sócio-económicas de Portugal, está apta a ser financeiramente auto-suficiente ao fim de 3 anos?

Globalmente, será legítimo afirmar que o caminho da Floresta, especialmente a de características minifundiária, é o associativismo e solidarizar-se com as organizações que, no terreno, desenvolvem essa missão para ao fim de 5 anos vedar-lhes o acesso ao apoio à consolidação da sua estrutura ? Com efeito, o programa de apoio aos serviços de natureza florestal não foi especificamente desenhado para as organizações de carácter associativo florestal (também é destinado para as empresas), e embora contemple a compensação, via subsídios, dos custos dos serviços desenvolvidos por organizações com mais de 3 anos de existência, não têm como objectivo a consolidação das estruturas organizativas associativas.

Continua a ser urgente, quer para o desenvolvimento da floresta portuguesa em geral, quer para este movimento associativo, encontrar soluções rápidas para a continuação do seu funcionamento porque, apesar dos Quadros Comunitários de Apoio, a Floresta e os proprietários portugueses continuam a existir.

A *Forestis*, na sua postura de diálogo construtivo, está disponível para colaborar. Para isso, era importante que o Senhor Ministro de Agricultura arranjasse algum tempo na sua carregada agenda, para receber a *Forestis*, que lhe tem solicitado, por várias ocasiões e desde a sua tomada de posse, um encontro, de modo a lhe poder transmitir, de viva voz, as propostas para a viabilidade e continuidade do associativismo florestal em Portugal.

RURIS

Arborização de Terras Agrícolas

Foi recentemente aprovada a legislação que regulamenta o programa de Arborização de Terras Agrícolas, e que se inclui no Programa Ruris juntamente com outras medidas no âmbito do Desenvolvimento Rural.

Com este regulamento pretende-se apoiar a reconversão de terras agrícolas e evitar o seu abandono, incluindo terrenos em pousio há menos de 6 anos.

Este programa vem na continuidade do Reg. 2080/92 que teve um nível de execução muito apreciável.

Em relação ao regulamento anterior as maiores diferenças consistem na redução muito significativa das percentagens de ajuda ao investimento e na diferenciação, que agora passa a existir, no Prémio à Manutenção de acordo com o tipo de espécies e a forma de cálculo para o Prémio de Perda de Rendimento.

Beneficiários	Tipo de ajuda * actual (%)	Tipo de ajuda anterior (%)
Organismos da Administração Central e Local e órgãos de administração dos baldios	100	100
Áreas agrupadas	80	100
Agricultores	70	
Agricultores (que utilizem espécies de curta rotação ex: eucalipto)	40	90
Outro tipo de beneficiários	50	

* sempre que pelo menos 50% da área do projecto se insira na Rede Nacional de Áreas protegidas (RNPA), Zonas de Protecção Especial (ZPE) e sítios da Lista nacional de Sítios, haverá lugar a uma MAJORAÇÃO DE 10%.

Como se constata pelo quadro acima, o nível de ajudas desceu substancialmente, relativamente ao que se passava no regulamento anterior. No caso de não agricultores a ajuda desceu de 90% para 50%.

Além das ajudas previstas para a execução do projecto, existem à semelhança do que já acontecia anteriormente dois Prémios:

Prémio à Manutenção – tem por fim ajudar na manutenção do investimento durante os primeiros 5 anos.

Prémio de Perda de Rendimento – pretende compensar o proprietário da perda de rendimento por optar por uma cultura de mais longo prazo.

Prémio à Manutenção		
Tipo de Povoamento	Prémio actual	Prémio anterior
Folhosas	~20 000 \$ (100 Euro)	~17 000 \$ (85 Euro)
Resinosas	~30 000 \$ (150 Euro)	
Freguesias com alta susceptibilidade à desertificação	~35 000 \$ (175 Euro)	

Prémio Perda de Rendimento		
Classes de superfícies	Agricultores de áreas agrupadas	Outros beneficiários
Primeiros 5 ha	49 920 \$ (249 Euro)	60 014\$ (30 Euro)
Entre 5 e 10 ha	40 096 \$(200 Euro)	23 055\$ (115 Euro)
Entre 10 e 20 ha	30 072 \$(150 Euro)	16 038\$ (80 Euro)
Entre 20 e 50 ha	150 360\$ (75 Euro)	10 024\$ (50 Euro)
Entre 50 e 100 ha	10 024\$ (50 Euro)	7 016\$ (35 Euro)
Entre 100 e 250 ha	5 012\$ (25 Euro)	3 007\$ (15 Euro)

O PPR (Prémio de Perda de Rendimento) calcula-se por escalões. Por exemplo para um projecto de um Agricultor com 15 ha o cálculo é o seguinte:

$$\begin{aligned}
 & 5 \times 49\,920 \text{ \$ } 00 \\
 & + \\
 & 10 \times 40\,096 \text{ \$ } 00 \\
 & + \\
 & 3 \times 30\,072 \text{ \$ } 00 \\
 & \hline
 & \mathbf{740.781 \text{ \$ } 00}
 \end{aligned}$$

Há ainda 2 taxas de majoração a aplicar ao montante obtido, caso o projecto se enquadre em alguma das situações de acordo com o seguinte quadro:

	Índice de Majoração
Folhosas produtoras de madeira de elevada qualidade	1,3
Freguesias com elevada susceptibilidade à desertificação	1,2

Refira-se, por último, que há data de publicação deste boletim ainda não existe circular externa do Ifadap (que como é do conhecimento geral é o documento interpretativo da legislação e que funciona como ferramenta auxiliar do projectista) nem formulários de candidatura.

VIDA DA *Forestis*

Audiência da *Forestis* com a Direcção Geral das Florestas

De modo a transmitir o balanço efectuado por este movimento associativo relativamente aos protocolos estabelecidos com essa Direcção Geral em 1998 e a alinhar as perspectivas do associativismo florestal no actual quadro comunitário assim como futuras linhas de colaboração entre as duas entidades, a *Forestis* reuniu, no dia 9 de Janeiro, com o Eng^o Carlos Morais, Director Geral das Florestas e a Eng^a Teresa Alves da Silva, sub-Directora. Numa conversa muito cordial, foram levantadas questões que se prendem fundamentalmente com a continuidade do movimento associativo em Portugal. Foram também abordadas questões relativas à certificação florestal e ao Fundo Financeiro previsto pela Lei de Bases da Política Florestal.

Encetaram-se propostas de colaboração que esperamos venham a dar fruto brevemente.

Audiência da *Forestis* com o Eng^o Tito Rosa, Gestor do AGRO e AGRIS

Com o intuito de dar a conhecer a sua estrutura e a sua actividade (nomeadamente de formação), assim como para abordar questões ligadas à exe-

cução do actual Quadro Comunitário, a *Forestis* reuniu com o Eng^o Tito Rosa (e com o Dr. Fernando Costa) em 9 de Janeiro. Foram abordadas questões levantadas pelas portarias do AGRO e do AGRIS, o enfoque principal tendo sido no entanto a formação e as perspectivas da *Forestis* em apresentar o seu «ambicioso plano» nas melhores condições possíveis. No que toca aos programas AGRO e AGRIS, a *Forestis* chamou a atenção para algumas insuficiências de concepção que comprometem, mais uma vez um desenvolvimento continuado do associativismo florestal e dificultam o aparecimento de agrupamentos florestais, fundamentais para o desenvolvimento florestal da floresta de minifúndio.

A *Forestis* solicita uma reunião de esclarecimento da acção 2 do projecto Eurosilvasur

A pedido da *Forestis*, reuniram-se em Valença, a 13 de Março, nas instalações muito gentilmente cedidas pelo Gabinete de Apoio Técnico, representantes dos parceiros das regiões francesas, espanholas e da região Norte de Portugal (*Forestis*, AURN, AIMMP) para analisar a proposta de concepção e implementação de um sistema de informação florestal inter-regional desenvolvido principalmente pelos franceses. Na presença de vinte pessoas, e depois de uma troca de impres-

sões muito produtiva, foram apontadas algumas ineficiências, principalmente a nível técnico, para as quais a *Forestis* propôs dar resposta num breve espaço de tempo, conseguindo-se assim tornar mais eficaz este programa e salvaguardar os interesses da nossa região.

Certificação Florestal – CT 145

Na continuidade do trabalho desenvolvido pela CT145, cujo objectivo é o da elaboração da Norma Portuguesa para um Sistema de Gestão Florestal Sustentável, tendo em conta os Critérios e os Indicadores do Processo Pan – Europeu, têm-se reunido os membros desta de forma regular, na qual a *Forestis* também faz parte.

Esta comissão está na eminência de apresentar ao IPQ o anteprojecto da Norma Portuguesa de Sistemas de Gestão Florestal Sustentáveis, que deverá ocorrer em meados de Abril, e que será precedida de um período de discussão pública. O grupo de trabalho vê desta forma, a finalização de uma primeira fase dos seus objectivos.

Esta Comissão irá continuar a desenvolver a sua actividade, tendo em conta que este é um processo dinâmico, e no qual a *Forestis* continuará a acompanhar, pela importância que este tema tem ao nível da produção.

Grupo de Acompanhamento do Nemátodo da Madeira do Pinheiro

A *Forestis* esteve presente na reunião do Grupo de Acompanhamento do Nemátodo da Madeira do Pinheiro, que se realizou no início de Fevereiro, dando conta do ponto de situação dos trabalhos de prospecção e de erradicação, os quais se prevê que atinjam os objectivos dentro dos prazos previstos. Relativamente à proposta de decisão da Comunidade Europeia, a principal alteração é a da constituição de uma «Região Demarcada» que contempla a Zona Afectada pelo problema e uma Zona de Segurança com um raio de 20 km a partir da limitação da zona referida anteriormente. Apesar de não ser um problema que afecta directamente os produtores da área de influência das Associações nossas filiais, é com preocupação que seguimos o desen-

volvimento de todo este tema, numa perspectiva de o solucionar.

1ª Reunião da Comissão Mista de Coordenação do Prof do Pinhal Interior Sul

No dia 31/01/01 a *Forestis* participou na 1ª Reunião da Comissão Mista de Coordenação do Prof do Pinhal Interior Sul que decorreu na Direcção Regional da Beira Interior – Zona Agrária da Sertã

O Prof do Pinhal Interior Sul engloba os concelhos de Mação, Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã, e Vila de Rei e corresponde à Nut III do mesmo nome.

A *Forestis* pertence a esta CMC a título de representante dos produtores florestais, a reunião serviu para ser apresentado o trabalho feito até então. Assim foram mostrados mapas referentes à área do Prof, informação compilada pela DRA, sendo que está neste momento a complementar essa informação através de fotografias aéreas e trabalho de campo. Esta 1ª reunião serviu também para se discutir o Regulamento Interno da Comissão.

É sempre bom salientar a importância para a floresta portuguesa da existência dos Planos Regionais de Ordenamento Florestal, pelo que as associações devem envolver-se a todos os níveis nas suas elaborações, defendendo assim os interesses dos seus sócios.

Workshop de fogos florestais

Decorreu em Vila Real dos dias 9 a 14 de Março um Workshop com o tema «Tools and methodologies for Fire Danger Mapping». Foram apresentadas várias comunicações relativas a um tema que se reveste de muita importância para a diminuição do risco de incêndio das nossas florestas. Este workshop contou com especialistas Portugueses, Franceses e dos Estados Unidos da América sendo bastante animador os trabalhos que estão presentemente a ser elaborados sobre o assunto.

No seguimento do workshop foi ministrado um curso sobre uma aplicação de modelação de crescimento de fogos florestais. Este programa, FAIRSITE, foi desenvolvido por Mark Finney e é utilizado pelos serviços florestais dos Estados

Unidos da América na prevenção e combate dos fogos florestais. Foi o próprio Mark Finney que lecionou a formação o que se demonstrou muito positivo, visto ter-nos permitido aquilatar das potencialidades e fraquezas do programa. Como conclusão, ficamos muito bem impressionados pelas possibilidades que oferece, o que nos leva a pensar utiliza-lo nos trabalhos que viermos a fazer sobre risco de incêndio.

Reunião de técnicos

As reuniões entre os técnicos das organizações florestais filiadas na *Forestis* continuam a ser um dos momentos mais activos e participativos deste Movimento. A última reunião versou um tema de grande actualidade – cinegética (reservas de caça/ projectos de caça). Esta reunião consistiu numa pequena palestra sobre as zonas de caça ordenadas com dominância sobre as zonas de caça associativas e visita a projectos de caça. Este evento foi possível realizar dada a contribuição da Câmara Municipal de Resende, Federação dos Clubes de Caça e Pesca do Distrito de Viseu; Ribaflores – Associação Florestal de Terras de Ribadouro, Associação de Caçadores de S. Cristovão/Resende, Associação de Caçadores das Queilhas, Associação de Caçadores do Senhor dos Aflitos e Nave e Caves da Burgunheira – Sociedade Agrícola e Comercial do Barosa.

CAOF – Comissão para o acompanhamento das operações Florestais

A CAOF por solicitação do Sr. Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural reuniu-se para se pronunciar sobre um documento de trabalho proveniente da SEDR, que visava uma proposta de alteração ao Despacho n.º 17.584/2000, que estabelece os montantes de ajuda aos projectos de investimento florestal.

Após duas reuniões e animado debate os membros do grupo elaboraram uma proposta que alterou em alguns pontos o documento que estava na mesa e que se enquadra dentro dos parâmetros estabelecidos no seio da Comissão, de um modo genérico, todas ou pelo menos a maioria das situações de investimento florestal de arborização e beneficiação. A CAOF, não se pronunciou sobre os montantes estabelecidos para as actividades de cinegética e caça por falta de conhecimento dos membros do grupo nesta matéria.

A proposta que seguiu para a SEDR, já recebeu parecer positivo do Sr. Secretário de Estado, pelo que se aguarda publicação de novo despacho, altura em que faremos a sua divulgação neste Boletim.



DGF
Direcção-Geral
das Florestas

VIDA DAS ASSOCIAÇÕES

Associação dos Silvicultores do Vale do Ave A ASVA em 2000

A Associação dos Silvicultores do Vale do Ave, nos últimos meses tem vindo a encetar várias negociações com as Câmaras Municipais da região, no sentido de minorar os atrasos dos projectos financiados de investimento florestal (AGRO e RURIS), promovendo actividades de interesse directo para os nossos associados. Assim, candidatamo-nos a duas **Equipas de Sapadores Florestais**, tendo sido aprovada uma delas, que ficará ao serviço do **recém criado concelho da Trofa**, entidade que se tem manifestado mais activa e dinâmica nas questões ambientais e florestais, **sem dúvida um exemplo a seguir**. Paralelamente participamos nas **reuniões das Comissões Especializadas em Fogos Florestais (CEFF's Municipais)** nos concelhos de **Guimarães, Trofa e Vieira do Minho**, parecendo faltar-nos ainda o reconhecimento dos restantes municípios. Carece dizer que nestas reuniões são discutidas **questões de interesse directo das populações rurais** como sejam a abertura e manutenção de caminhos de acesso às matas, construção e manutenção de pontos de água, postos de vigia, vigilância móvel e outros assuntos relacionados com a prevenção de fogos na época de maior risco. Assim, e postos estes assuntos, a ASVA solicita a todos os seus associados uma maior participação e dinamismo no que respeita aos seus interesses florestais, de forma que possamos representá-los e defendê-los nestas importantes sessões de descentralização de decisões de protecção florestal. **A sua participação conta e nós estaremos lá para o ajudar.**

Conhecendo o desconhecimento existente quanto às nossas manchas florestais, a ASVA tem vindo, desde longa data, a tentar convencer os governantes locais da importância de um **estudo diagnóstico da floresta do Vale do Ave**. Estudo esse, já por nós apresentado, projectado

e exemplificado às **Autarquias, ao Governo Civil de Braga e à Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho**, sem que no entanto tenha surtido algum efeito. Muitas vezes é fácil escrever sobre a importância destes estudos, sobre a necessidade de conhecer para poder proteger, de inventariar para poder actuar de forma correcta, consciente e tecnicamente eficaz, mas é sempre difícil dar o primeiro passo nesse sentido e apoiar de forma coerente quem se propõe levar esse estudo avante. Este é o cenário com que nos temos debatido na generalidade dos concelhos da região e das entidades que directamente estão a «tutelar» os espaços florestais, **excepção feita uma vez mais para o Município da Trofa**, que em conjunto com a ASVA avançou já com um estudo diagnóstico da sua área de influência. Também aqui, estamos certos que será um concelho pioneiro e um importante exemplo a seguir pelas demais autarquias. Esperemos que o avançar das vontades políticas de gestão florestal, não se atrasem demasiado, tendo o referido estudo que apresentar uma muito elevada percentagem de terrenos arditos e montes abandonados.

Melhores notícias, surgem com a contratação, em Estágio Profissional do Instituto de Emprego e da Formação Profissional, de uma nova técnica Florestal, Cristina Gonçalves, licenciada pela UTAD e que agora está ao serviço da ASVA. Estamos cada vez mais vocacionados para atender às necessidades de todos os associados, falta-nos apenas a sua participação e a sua presença activa na vida da Associação dos Silvicultores do Vale do Ave.

Rui Guimarães (Técnico da ASVA)

Associação dos Produtores Florestais do Vale do Minho

Carta de Risco de Incêndio para a Zona do Vale do Minho

Encontra-se já em fase de finalização o Estudo de Diagnóstico da Situação no Vale do Minho. Este trabalho insere-se num projecto de Prevenção e Defesa Florestal no Vale do Minho que será objecto de financiamento por parte do Regulamento (CEE) N.º 2158 e conta com a colaboração da *Forestis* e da CNEFF (Comissão Especializada em Fogos Florestais).

À semelhança do trabalho já realizado pela Portucalea na área do Grande Porto, este estudo propõe-se inventariar as existências florestais; isto é, serão definidas e caracterizadas as principais manchas de uso e potencial florestal. Contempla ainda o levantamento da rede viária, primária e secundária, com caracterização do seu estado, dos pontos de água, com referência à sua capacidade e facilidade de abastecimento por meios terrestres ou aéreos, dos postos de vigia existentes e outro tipo de estrutura responsável directa ou indirectamente pela prevenção e combate aos incêndios florestais. Posteriormente,

será estabelecida uma Carta de Risco de Incêndio, que servirá de apoio ao planeamento das intervenções futuras, a que urge dar prioridade.

A avaliação deste estudo permitirá assim identificar as deficiências existentes e apontar soluções e alternativas viáveis à sua resolução, com ganhos evidentes na racionalização dos recursos existentes.

Pretende-se ainda que este trabalho seja amplamente divulgado pelas instituições responsáveis pela luta aos incêndios, de forma a facilitar a coordenação dos meios de combate, e estabelecer ainda prioridades quanto à sua actuação.

De salientar ainda a importância desde instrumento, que devidamente utilizado poderá vir a desenvolver um papel importante na elaboração dos Planos Regionais de Ordenamento Florestal (PROF's).

Elisabete Araújo (APFVM)

Associação Florestal do Vale do Sousa

PROJECTO PILOTO DE GESTÃO FLORESTAL SUSTENTÁVEL NO VALE DO SOUSA

A Associação Florestal do Vale do Sousa viu finalmente aprovada a candidatura ao Projecto Piloto de Gestão Florestal Sustentável no Vale do Sousa apresentada ao abrigo da Medida 1.4. Valorização e Promoção Regional Local do Eixo Prioritário 1 do Programa Operacional da Região do Norte.

A área do projecto situa-se no território de intervenção da Associação Florestal do Vale do Sousa que conseguiu em 7 anos de existência associar já **450** proprietários, com uma área florestal total de cerca de **8340 ha**. Até ao momento, os serviços prestados pela associação não têm podido ir muito mais além do que fornecer informação, organizar formação e apoiar o relacionamento dos associados com os prestadores de serviços e as instituições públicas. A associação até agora não tem, pois, tido uma intervenção mais

directa na gestão florestal realizada pelos associados. Mesmo no caso dos agrupamentos de produtores florestais dinamizados pela associação, a gestão está a cargo dos respectivos membros sem uma intervenção directa da associação. Também nos projectos de investimento florestal (Reg. CEE 2080/92 e PAMAF – Medida 3 do QCALL) a sua elaboração e execução estiveram a cargo de prestadores de serviços privados, consistindo a intervenção da associação essencialmente no apoio ao relacionamento entre os associados e estas empresas. Com o alargamento do quadro técnico, possível graças à aprovação deste projecto, estão agora reunidas as condições para que a associação possa elaborar e acompanhar os projectos florestais dos seus associados, e respectivas cartografias digitais, e



Figura 1 - Área de intervenção da AFVS e Área do Projecto Piloto

apresentá-los às novas medidas de apoio ao sector do QCA III.

Constituída uma base de associados já muito significativa que faz da **AFVS a maior associação de produtores florestais do país** em número de associados, começa a chegar o momento de dar um salto qualitativo nos serviços prestados pela associação. Esse salto deve ser no sentido da associação influenciar mais directamente a qualidade da gestão florestal realizada pelos seus associados, que poderá passar pela negociação de contratos entre a associação e alguns dos seus associados no sentido do acompanhamento técnico regular de planos de gestão elaborados no respeito de critérios e indicadores de gestão florestal sustentável.

Porque se trata de uma domínio de intervenção novo para a associação e porque os critérios e indicadores que a Autoridade Florestal Nacional perfilha (critérios pan-europeus) precisam ainda de ser testados ao nível da unidade de gestão, pareceu prudente aos responsáveis desta associação avançar primeiro com um projecto piloto numa zona restrita (figura 1) que desse algumas garantias de sucesso ao projecto e que permitisse ganhar alguma experiência neste domínio e servir depois de modelo aos produtores do resto da área de intervenção da associação e também às restantes associações.

O Projecto Piloto de Gestão Florestal Sustentável no Vale do Sousa tem como objectivo global

criar uma base de conhecimento que permita a realização futura de projectos de gestão florestal sustentável e se possível agrupada. Os objectivos específicos deste projecto são:

- Aquisição de um conhecimento aprofundado dos recursos florestais da zona numa perspectiva multifuncional;
- Criação de uma base cartográfica digital como suporte de acções futuras;
- Identificação das potencialidades florestais da região numa óptica de gestão florestal sustentável;
- Divulgação do estudo efectuado aos proprietários florestais da região, outras entidades ligadas ao sector e público em geral;
- Sensibilização dos mesmos para a implementação de um sistema de gestão florestal sustentável que permita a certificação dos produtos florestais;
- Iniciação de um projecto de gestão florestal sustentável, com vista à certificação de produtos florestais, dos proprietários que demonstrem vontade de o fazer, promovendo se possível formas de gestão florestal agrupada.

Esperamos com este projecto, e outros que nos vão na mente, poder continuar a contribuir para a melhoria da qualidade da Floresta Portuguesa de minifúndio.

AFVS



O futuro das florestas está nas nossas mãos.

Pela experiência de tantos anos na Portucel e Soporcel, pelo vasto conhecimento que temos da floresta portuguesa, pelo recurso às técnicas florestais mais adequadas e pelo profundo respeito que temos pela Natureza e por SI, estamos aptos a otimizar a gestão da actividade florestal, de forma sustentável. Nas áreas de produção de plantas, arborização, conservação, defesa contra fogos, informação e exploração florestal, gestão de espaços agro-florestais e ainda em projectos especialmente adaptados ao seu caso, asseguramos o melhor nível de qualidade de serviço a todos os nossos clientes.

Contacte-nos, porque o futuro das florestas também está nas suas mãos.

www.alflorestal.pt - Tel. 21 382 43 35



ALIANÇA
FLORESTAL



Portucalea

SEMANA FLORESTAL – PORTUCALEA

A Portucalea em colaboração com o SAOM (Serviços de Assistência de Organizações de Maria), com o Centro Social de S. Nicolau e com o Centro Social da Vitória, realizou a Semana Florestal de 20 a 23 de Março, na freguesia de Miragaia (Porto) nas instalações do SAOM. Este evento contou com a participação de cerca de 180 crianças, com idades entre os 3 e os 15 anos, e de um grupo de idosos. Durante estes dias foi apresentado o diaporama «A Nossa Floresta», ocorreu uma exposição dos trabalhos realizados por estas crianças sobre o Dia Mundial da Floresta, jogos sobre a

Floresta, Visita ao Posto Vigia da Serra do Marão e aos viveiros de trutas de Amarante.

A Portucalea também participou nas comemorações do Dia Mundial da Floresta com a Escola Básica do Monte – Gulpilhares em Vila Nova de Gaia e com o Corpo Nacional de Escutas 278 de Gondomar.

Em todas as actividades foram distribuídos autocolantes e o poster da Semana Florestal cedidos pela Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho.

Catarina Quintela
(Técnica da Portucalea)

Aflodouronorte

A ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO VALE DO DOURO NORTE «AFLODOUNORTE», integrada na área social nos concelhos de Vila Real, Peso da Régua, Alijó, Murça, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião e Mesão Frio, vai promover nos dias 6, 7, 8 e 9 de Setembro de 2001, a 1ª Feira Das Florestas, a realizar-se no Parque Florestal de Mascanho/Carvas, Município de Murça, Distrito de Vila Real, Trás-os-Montes, distando 420 Km de Lisboa, 120 Km do Porto, 25 Km de Vila Real, 30 Km de Chaves (Espanha), 25 Km de Mirandela e 85 Km de Bragança (Espanha).

Pela 1ª vez no nosso País orgulhamo-nos da iniciativa de realizar um evento inédito no sector florestal. Inúmeras acções desta grandeza existem no âmbito agrícola no nosso país, no entanto é de salientar que até à data nunca se realizou uma tão específica e exclusivamente florestal, como será o objectivo primordial desta Feira.

Na necessidade de se fazer uma divulgação e promoção das novas tecnologias ligadas à fileira florestal, nesta feira vão expor os seus produtos muitas empresas ligadas ao espaço florestal. A difusão será para os Empresários, Produtores,

Prestadores de Serviços Florestais e Público em geral.

Durante o período da realização da Feira, decorrerão várias actividades, como demonstrações, colóquios, acções de animação socio-cultural, recreativas e outras ligadas às actividades da Feira.

Foi preocupação da Associação juntar e vincular a esta iniciativa Organizações e Entidades com uma credibilidade exemplar. Realçamos e honramos os convites aceites à Câmara de Murça, como anfitriã, à Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes e Alto Douro (DRATM), como organismo público que tutela a floresta e agricultura na área do Douro, à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), unidade de investigação situada na região onde se insere a Associação e à Associação Florestal de Portugal (*Forestis*), que é a Federação onde estamos ligados.

As solicitações de informação e participação até à data, têm sido muito satisfatórias, quer das empresas, quer de outras entidades que vêm neste evento algo de muito interessante para a divulgação dos produtos, a nível nacional e internacional.

Associação Florestal do Cávado

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Uma das últimas apostas da Associação Florestal do Cávado prende-se com a promoção de Formação Profissional dirigida aos proprietários florestais. A título de balanço, no ano de 1999, promovemos 8 acções de formação distribuídas pelos seis concelhos da área social de actuação.

Tendo em linha de conta as necessidades de muitos proprietários florestais que recorriam e continuam a recorrer aos nossos serviços, em busca de informações sobre o que fazer às suas florestas, tomámos consciência do quanto seria importante levar por diante uma ideia que já havia surgido há algum tempo, relativamente à promoção de formação profissional. Neste contexto, realizaram-se 8 cursos denominados «**Gestão e Protecção da Floresta**», compreendendo um investimento total **8.547.296\$00**, com a duração de 42 horas cada curso.

A realização destes cursos serviu essencialmente



de via para a expansão e divulgação da nossa Associação, dando origem a 80 novos sócios e à criação de um agrupamento florestal com cerca de 300 ha, em Vila Cova, concelho de Barcelos.

No primeiro semestre do ano 2000 realizou-se um curso em Valdreu – Vila Verde designado «Gestão e Protecção da Floresta», que contou com a frequência de 13 formandos, compreendendo um investimento total de **1.314.049\$00**, tendo-se sensibilizado a comunidade daquela freguesia para a importância da intervenção no baldio, que compreende uma área de cerca de 400 ha.

É nosso objectivo continuar a promover a realização de formação profissional, especialmente porque o resultado tem sido muito positivo e os formandos têm demonstrado grande interesse e necessidade em frequentar este tipo de acções, como forma de reduzir a falta de informação disponível em muitos aspectos na área florestal.

Aproveitamos a oportunidade para informar todos os nossos sócios que a Associação Florestal tem nova administrativa, Helena Veríssimo, desde o início do mês de Setembro.

Teresa Cruz

(Técnica administrativa da A.F. Cávado)

AGRIARBOL – Associação dos Produtores Agro-Florestais da Terra Quente

3ª FEIRA AGRO-NORDESTE JOVEM

A Agriarbol – Associação dos Produtores Agro-Florestais da Terra Quente esteve presente como expositor na **3ª Feira Agro-Nordeste Jovem** a qual foi organizada pela AJADTM com o apoio da AJAP, a qual teve lugar nos dias 22, 23 e 24 de Setembro na Quinta do Planalto – concelho de Alfândega da Fé.

Esta feira foi marcada pela presença de expositores representantes de actividades diversificadas no meio rural, como são exemplo a floresta, a agricultura, o associativismo, a apicultura, a enologia (licores artesanais), artesanãos (cestaria, peles, casas de pedra em miniatura). Todos fizeram um esforço por mostrar o que têm a dar à Terra Quente Transmontana. E foi com esse objectivo que a Agriarbol se fez representar respondendo ao convite que lhe foi dirigido.

Assim, quisemos mostrar num pequeno espaço reservado, quem somos, o que somos, o que fazemos e onde estamos. Além disso, fizemos também uma pequena **amostra dos produtos florestais e agrícolas característicos desta região**.

Embora num sitio isolado, ou a gastronomia ou o arraial popular chamaram a atenção de alguns visitantes aos expositores, mas num número muito aquém do pretendido.

Para o ano a Agriarbol pretende participar na **4ª Feira Agro-Nordeste Jovem** mas desta vez em **Macedo de Cavaleiros**, onde a organização prevê realizá-la e onde esperamos ter mais visitantes interessados em conhecer-nos como representante do Movimento Associativo Florestal.

Marisa Oliveira – (Engª – UTAD)

Arborea

JORNADAS TRANSFRONTEIRIÇAS DO CASTANHEIRO

11 de Maio - BRAGANÇA

Auditório da Escola Sup. Agrária de Bragança

CARACTERIZAÇÃO E SILVICULTURA DO CASTANHEIRO

Prof.ª M.ª do Loreto (ESAB)

Dra. Cristina Verde (Ass. Flor. Galiza)

Prof. Afonso Martins (UTAD)

Prof.ª Ana Luisa Pires (UTAD)

Mod.: Prof. José Maria Molina (Univ. Leon)

PROTECÇÃO DO CASTANHEIRO

Prof. Francisco Ana-Magan (Univ. S. Compostela)

Prof. Carlos Abreu (UTAD)

Dra. Natércia Santos (EFN)

Eng.ª Dulce Anastácio (DRATM)

Mod.: Eng.ª São Simão Carvalho (DGPC)

RECUPERAÇÃO DO CASTANHEIRO

Eng.ª Ana Soeiro (DGDR)

Eng.ª Fernando Mota (IFADAP)

Mod.: Eng.ª Gama Amaral (Ord. Engenheiros)

12 de Maio - VISITA TÉCNICA

Parque Natural de Montesinho (Bragança e Vinhais)

Carrizado de Montenegro

Macedo de Cavaleiros

Auditório da Câmara Mun. de Vinhais

Apresentações das conclusões e

Conferência de Imprensa.

Animação Cultural

Organização:



Contactos:

António Borges (Arborea) : 273 770 070 arborea@mail.telepac.pt

Miguel Galante (SPCF) : 919 651 713 mgalante@spcf.pt

Internet: www.spcf.pt

Forestis



O equipamento ganhador

Na hora de escolher um bom equipamento para o cuidado e manutenção de matas e zonas verdes, a STIHL ganha, com diferença por garantia e respeito com o meio ambiente.

Moto-serras potentes e de fácil utilização para cortar árvores, podar e enxertar. Desde as mais fáceis electro-serras da Série E, até às potentes STIHL 066 e 088. E a STIHL 036 QS com o seu exclusivo travão de corrente. A mais ampla gama de roçadeiras STIHL para cortar e acabar com o mato em pequenas e grandes superfícies.

Escolha os versáteis corta-sebes STIHL para um corte rápido e impecável para todos os tipos de sebes.

As escavadoras-perfuradoras STIHL são máquinas idóneas para o cultivo e a jardinagem, o reflorestamento e a colocação de postes de qualquer tipo.

Para a conservação e limpeza, as máquinas de lavar de alta pressão STIHL de água fria arrancam a sujidade onde ela esteja... Um perfeito equipamento.

À hora de escolher bem, não se precipite. Com STIHL sairá ganhando.

Consulte o seu Distribuidor mais próximo... Haverá sempre alguém da STIHL perto de Si.

Assessoramento e vendas através dos estabelecimentos de venda da STIHL APARELHOS A MOTOR S.A. em Portugal Continental e Insular. Para mais informações dirija-se a: STIHL APARELHOS A MOTOR S.A. Beloura Office Park. R. do Centro Empresarial Edifício 7 - Piso 0 - Loja 2 - Albarraque 2710 - Sintra - Portugal Tel. (351) 21 910 82 00 Fax. (351) 21 924 22 18

STIHL®

Ficha Técnica

Fertilização de Solos para Uso Florestal

A aplicação de fertilizantes em solos para uso florestal, principalmente para as espécies de crescimento médio/longo, é uma decisão que deverá ser devidamente ponderada face às eventuais implicações económicas que poderá ter. No entanto, dado o facto da esmagadora maioria dos solos florestais serem extremamente pobres em nutrientes, a fertilização pode, desde que bem aplicada, originar resultados positivos em termos de produção e da adaptação das plantas ao local.

Nas espécies de rotação curta, como o eucalipto, a aplicação de fertilizantes, quer à plantação quer de manutenção, devido ao aumento de produção e à diminuição da rotação, poderá gerar mais valias económicas.

Em qualquer dos casos, e até para efeitos de protecção e conservação do solo, a aplicação de fertilizantes deve assentar em três princípios:

- Cobertura das necessidades da planta em nutrientes minerais
- Melhoria ou manutenção do estado de fertilidade do solo
- Respeito pelas imposições económicas e ambientais

No quadro seguinte apresentam-se os nutrientes mais importantes:

Tipos de Nutrientes Vegetais	Caracterização	Elementos
Macronutrientes principais	Necessários às plantas em quantidades mais elevadas; na quase totalidade dos solos, não se encontram em quantidades suficientes, tornando-se indispensável aplicá-los sob a forma de adubos e correctivos	Azoto – N Fósforo – P Potássio – K
Macronutrientes secundários	Também necessários às plantas em grandes quantidades mas, em muitos casos, existem nos solos em quantidades suficientes	Cálcio – Ca Magnésio – Mg Enxofre – S
Micronutrientes	Outros nutrientes vegetais que são necessários às plantas mas em quantidades muito reduzidas, podendo causar intoxicação se forem absorvidos em quantidades elevadas.	Boro – Bo (mais importante)

São estes nutrientes que quando aplicados de forma equilibrada na instalação de povoamentos aumentam a capacidade das jovens plantas de formarem novas raízes, defenderem-se melhor das infestantes, resistir à secura, geadas, doenças e pragas, e, nos casos de povoamentos já instalados, a manter ou atingir uma determinada produção.

As doses e tipos de fertilizante a aplicar devem ser definidos de acordo com os resultados da análise da fertilidade do solo, as características

da estação e das espécies florestais. Existem ainda outras situações que devem ser analisadas na fertilização dos solos para uso florestal: o regime e quantidade de chuva, a ocorrência de incêndios, a remoção de matos e folhada, o povoamento estar em regime de talhadia ou alto fuste, tipos de variedades ou clones da espécie florestal (pois reagem de forma diferente), etc. Para analisar a fertilidade de solo é possível recorrer aos seguintes métodos:

Método	Descrição
1. Análise de Terra	É o processo mais simples, rápido e económico, possível de ser realizado antes da plantação ou em qualquer estágio de crescimento das árvores pelo que é o que normalmente mais se utiliza para avaliar o estado da fertilidade do solo.
2. Análise Foliar	É uma técnica de diagnóstico do estado de nutrição das culturas que, embora indirectamente e sob alguns aspectos, fornece uma informação mais segura que a análise de terra acerca da capacidade do solo para alimentar a cultura a que diz respeito.
3. Diagnóstico de Sintomas Visuais de Deficiência Nutricional	O princípio deste método assenta no facto de cada nutriente executar funções específicas na planta originando a sua carência, sintomas característicos. Os principais sintomas manifestam-se por alterações no ritmo de crescimento, na coloração, forma e dimensão das folhas e frutos. Tem como grande desvantagem o facto de que quando os sintomas visuais aparecem o crescimento das árvores já foi afectado, para além de não fornecer indicações da magnitude da deficiência. Por outro lado, o método pode ser útil em áreas de povoamentos jovens, na correcção da fertilidade do solo.

A análise foliar e a análise de terra, cada uma com a sua própria finalidade específica, complementam-se vantajosamente face à tarefa de estabelecer e gerir programas de fertilização ao longo dos anos.

No quadro seguinte, e a título de exemplo, apresenta-se de uma forma resumida alguns casos possíveis de fertilização. **Estes valores não**

devem ser encarados como «receitas» pelo que nenhum caso dispensa uma análise da fertilidade do solo, como já foi referido.

Espécies Florestais	Fertilização tipo Preconizada (exemplo)
Pinheiro bravo	<ul style="list-style-type: none"> • Adubação à plantação, localizada, com adubo fosfatado (colocar as plantas em situação de vantagem sobre a vegetação concorrente); para algumas situações específicas poderá ser mais aconselhado utilizar um adubo composto à base de fósforo e potássio. • Adubação azotada a partir da 2ª Primavera após a plantação.
Eucalipto glóbulu	<ul style="list-style-type: none"> • Na plantação, adubação de fundo com adubo fosfatado (ex. superfosfato 18) e adubação localizada, com um adubo de libertação lenta. • No 3.º ano, adubação azotada nas linhas.
Castanheiro	<ul style="list-style-type: none"> • A adubação deve ser planeada em função da produtividade da castanha, da intensidade da poda e da quantidade de material removido, bem como da análise do solo. • Não aplicar adubos azotados simples se não forem acompanhados em simultâneo com outros nutrientes. • Aplicar sempre que possível o superfosfato de cálcio (18%). • Aplicar com regularidade adubos que contenham magnésio. • Se houver uma carência de boro comprovada a adubação com borax (borato de sódio) deve ser efectuada, com as devidas precauções. • Efectuar uma calagem sempre que o pH (H₂O) do solo for inferior a 5. A quantidade de calcário a aplicar não precisa de exceder 1-2 t por hectare.

Bibliografia:

- Temes, S. B., 1990. *Fertilizacion Forestal*. Consellería de Agricultura, Gandería e Montes. Xunta de Galicia.
- INIA-Lab. Químico Agrícola Rebelo da Silva, 2000. *Manual de fertilização das culturas*. INIA-Lab. Químico Agrícola Rebelo da Silva, Lisboa.
- Portela, E.; Martins, A. e Pires, L., 1998. *Práticas Culturais de Limitação da Tinta do Castanheiro*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

ORGANIZAÇÕES FLORESTAIS SUB-REGIONAIS

ORGANIZAÇÕES	SEDE	EQUIPA TÉCN.
Associação Florestal do Vale do Sousa	Ed. Sonho, Fracção C – cave tras. – Madalena • 4580 Paredes Tel. / Fax: 255 783 979 • Telem.: 96 256 86 59	Eng. Amália Neto e Eng. Alexandre Gomes
CELFLOR – Ass. Prod. Florestais	R. Andrade Corvo, Ed. Câm. Mun. • 6360-331 Celorico da Beira Tel. / 271 747 450/1 • Fax: 271 747 459 • Telem.: 96 250 20 36	Eng. Marisa Martins e Eng. Paulo Mimoso
Associação Florestal do Lima	Antigos Paços do Concelho – Praça. da República • 4990 Ponte de Lima Telem.: 917 625 099 • Tel./Fax: 25 894 41 03	Eng. Sónia Marques e Eng. Nuno Sousa
Associação Florestal de Basto	Av. Capitão Elísio de Azevedo, Lt. 14, 2º D – Cabeceiras de Basto 4860 Arco de Baúlhe Tel. / Fax: 253 665 309 • Telem.: 96 804 41 63	Eng. Artur Mota
Associação Florestal do Cávado	Campo das Carvalheiras nº 1 • 4700-419 Braga Tel. / Fax: 253 218 713 • Telem.: 91 976 47 45	Eng. André Rebelo
Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	Largo dos Padrões, Bloco 4, • 4950-491 Monção Tel. / Fax: 251 654 096 • Telem.: 96 453 31 79 e 96 373 95 45	Eng. Margarida Barbosa e Eng. Elisabete Araújo
Associação Florestal de Entre-Douro e Tâmega	Estrada Larga – Túias • 4630 Marco de Canavezes Tel./Fax: 255 523 556 • Telem.: 96 235 42 85	Eng. António Neto
Associação Florestal do Vale do Douro Norte	Antiga Câmara Municipal – Lº. do Pelourinho – Apartado 38 • 45090 Murça Tel.: 259 511 712 • Telem.: 93 955 40 42	Eng. João Teixeira
PORTUCALEA – Associação Florestal do Grande Porto	Rua 5 de Outubro, nº 68 (Ed. Bombeiros) • 4420 Gondomar Tel./Fax: 22 463 18 66 • Telem.: 96 249 75 63	Eng. Teresa Neves
ARBOREA – Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	Ed. Casa do Povo – Largo do Toural • 5320-311 Vinhais Tel./Fax: 273 770 070 • Telem.: 96 2404007	Eng. António Borges
Associação Florestal de Entre-Douro e Vouga	P. Brandão de Vasconcelos, 10 (Antigo edifício escolar) • 4540-110 Arouca Tel./Fax: 256 949 041 • Telem.: 96 287 51 63	Eng. Ricardo Sousa
Associação dos Silvicultores do Vale do Ave	Quinta do Pinhô • S. Torcato • Apartado 1076 • 4811-908 Gulmarães Tel.: 253 55 37 76 • Telem.: 91 740 69 89	Eng. Rui Guimarães e Eng. Cristina Gonçalves
FLORISVOUGA – Associação Florestal de Lafões	(Sede prov.) Drizes, Bairro Novo • Apartado 23660 S. Pedro do Sul Fax: 232 712 696 • Telem.: 96 776 37 16	-
AGRIARBOL – Associação Produtora Agro-Florestal da Terra Quente	Mercado Municipal, loja 34 • 5340 Macedo de Cavaleiros Tel.: 2 784 216 98 • Telem.: 93 620 06 20	Eng. Paulo Alexandre e Eng. Marisa Martins
URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	Av. dos Bombeiros Voluntários – Ed. Mercado Municipal – Cave • 6290-520 Gouveia Tel.: 238 498 160 • Fax: 238 498 159 • Telem.: 91 933 65 82	Eng. Rui Xavier
Associação Florestal do Baixo Vouga	Centro Coordenador Transportes, Loja 7 • 3850-022 Albergaria-a-Velha Telem.: 917 133 536	Eng. Luís Sarabando
ARAVIS – Associação Regional de Agricultores de Viseu	Av. Emídio Navarro, nº 27, 3º – Loja 24 A/D – Académico • 3500 Viseu Tel.: 232 422 568 • Fax: 232 422 568	-
CAPOLIB – Cooperativa Agrícola Boticas – Secção Florestal do Alto Tâmega e Barroso	Av. do Eiró • 5460 Boticas Tel.: 276 415 787 • Fax: 276 415 734 • Telem.: 962 683 270	Eng. Ricardo Saldanha
Cooperativa Silvo-Agro Pecuária de Vila Nova de Celra	3300 Vila Nova de Celra Tel.: 235 770 170 • Fax: 235 770 176 • Telem.: 91 733 63 34	-
RIBAFLO – Associação Florestal Terras de Riba Douro	Sede provisória: Quinta do Paiol • 5100 Lamego Telem.: 91 916 18 28	Eng. Catarina Quintela
AFACC – Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	Rua Cândido Sotto Maior, nº 68-A • 5400-165 Chaves Telem.: 93 824 31 92 • E-mail: affacc@teleweb.pt	-
ACRISABUGAL – Associação Criad. Rumin. e Prod. Florestais do Concelho de Sabugal	Largo do Cemitério • 6320 Sabugal Tel.: 271 752 753 • Fax: 271 753 398	Eng. Carla Filipa